

**CCG173 - INFLUÊNCIA DO LOCUS DE CONTROLE NA RESILIÊNCIA
DOS ESTUDANTES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO
SENSU****AUTORIA****FRANCIELLE CORAZZA**

UNIVERSIDADE COMUNITÁRA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

ANDRÉ CARLOS EINSWEILLER

UNIVERSIDADE COMUNITÁRA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

ANTONIO ZANIN

UNIVERSIDADE COMUNITÁRA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

CRISTIAN BAÚ DAL MAGRO

UNIVERSIDADE COMUNITÁRA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a influência do Locus de Controle na resiliência dos Estudantes de Programas Stricto Sensu na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. A amostra da pesquisa foi composta de 145 alunos que responderam ao questionário por completo, ou seja, 29,90% da população. Os resultados sugerem que as mulheres têm Locus de controle maior que os homens, com destaque para o Locus de Controle Interno. Conclui-se que os estudantes com Locus de Controle Interno tem maiores estímulos para serem resilientes frente aos desafios diários da alta carga de estudos em programas de pós-graduação stricto sensu. Assim, os estudantes que acreditam em seus esforços e habilidades para o atingimento dos resultados (Locus de Controle Interno) apresentam maior competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e maior autoconfiança. Por outro lado, os estudantes com Locus de Controle Externo encontram dificuldades de serem resilientes na competência pessoal e autoconfiança. O estudo contribui ao estabelecer um fator adicional de resiliência denominado de (Autoconfiança), diferenciando-se do estudo de Wagnild e Young (1993). Contribui-se com os programas de pós-graduação stricto sensu ao demonstrar que para a obtenção de êxito na produtividade é preciso identificar o Locus de Controle dos estudantes, no intuito de buscar alternativas para estimular a produção daqueles com Locus de Controle Externo, e aproveitar a autoconfiança dos estudantes com Locus de Controle Interno.

INFLUÊNCIA DO *LOCUS* DE CONTROLE NA RESILIÊNCIA DOS ESTUDANTES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a influência do *Locus* de Controle na resiliência dos Estudantes de Programas *Stricto Sensu* na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. A amostra da pesquisa foi composta de 145 alunos que responderam ao questionário por completo, ou seja, 29,90% da população. Os resultados sugerem que as mulheres têm *Locus* de controle maior que os homens, com destaque para o *Locus* de Controle Interno. Conclui-se que os estudantes com *Locus* de Controle Interno tem maiores estímulos para serem resilientes frente aos desafios diários da alta carga de estudos em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Assim, os estudantes que acreditam em seus esforços e habilidades para o atingimento dos resultados (*Locus* de Controle Interno) apresentam maior competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e maior autoconfiança. Por outro lado, os estudantes com *Locus* de Controle Externo encontram dificuldades de serem resilientes na competência pessoal e autoconfiança. O estudo contribui ao estabelecer um fator adicional de resiliência denominado de (Autoconfiança), diferenciando-se do estudo de Wagnild e Young (1993). Contribui-se com os programas de pós-graduação *stricto sensu* ao demonstrar que para a obtenção de êxito na produtividade é preciso identificar o *Locus* de Controle dos estudantes, no intuito de buscar alternativas para estimular a produção daqueles com *Locus* de Controle Externo, e aproveitar a autoconfiança dos estudantes com *Locus* de Controle Interno.

Palavras-Chave: Resiliência; *Locus* de Controle; Programas de Pós-Graduação.

1 INTRODUÇÃO

A habilidade dos indivíduos está em constante evolução, principalmente quando se deparam com condições adversas. Nesse interim, emerge à resiliência que determina a forma como os indivíduos se adaptam às adversidades do dia a dia, seja no trabalho, estudos, amigos, prática de esporte ou ambiente familiar (Coronado-Hijón & Paneque, 2015).

A resiliência está ligada à capacidade do indivíduo se regenerar de contratempos, e também está vinculada à atitude proativa e estruturada para enfrentar os imprevistos. Portanto, os indivíduos com este atributo conseguem superar as dificuldades com maior facilidade (Pettit, Fiksel & Croxton, 2010). Apesar de não haver um consenso sobre as capacidades que formam a resiliência, alguns estudos creditam isso à flexibilidade dos indivíduos (Christopher & Peck, 2004; Sheffi & Rice, 2005; Scholten, Sharkey Scott, & Fynes, 2014).

A resiliência tem sido uma competência essencial para os indivíduos obterem alto rendimento em tarefas complexas e desgastantes (Coronado-Hijón & Paneque, 2015). Nesse sentido, os programas de pós-graduação *stricto sensu* exigem dos alunos dedicação, quase exclusiva e alta carga de estudo e de atividades, fazendo com que tenham pouco tempo para o lazer, amigos e a família. A resiliência destes estudantes, torna-se primordial para o seu sucesso profissional, mental e na qualidade de vida (Barlach, Limongi-França, & Malvezzi 2008).

Aliado a isso, o *Locus* de Controle afeta o modo como se desenvolve a resiliência nos indivíduos. Portanto, os indivíduos com *Locus* de Controle Interno acreditam em suas competências e habilidades e que os resultados alcançados só dependem das suas ações (Rotter, 1966; Kaufmann, Welsh & Bushmarin, 1995; Noriega, Albuquerque, Alvarez, Oliveira & Coronado, 2003). Por outro lado, os indivíduos com *Locus* de Controle Externo culpam os outros pelos resultados negativos e também acreditam que o mundo abstrato é capaz de modificar o percurso das ações (Rotter, 1966; Kaufmann et al., 1995; Noriega et al., 2003). Sendo assim, Luthar (1991) afirma que as pessoas com *Locus* de Controle Interno são pouco

afetadas pelo alto estresse, enquanto que aquelas com um *Locus* de Controle Externo apresentam um declínio no rendimento pelo aumento nos níveis de estresse.

Complementarmente, Connor (2006) estudou as características das pessoas resilientes e mostrou que elas apresentam um *Locus* de Controle Interno associado ao forte senso de compromisso para si mesmo, e uma capacidade de ver à mudança como um desafio. Ainda segundo o autor, os indivíduos resilientes com *Locus* de Controle Interno acreditam que o estresse pode ter efeito fortalecedor, aumentando a capacidade para se adaptarem às mudanças. Ao contrário, esses fatores não são intrínsecos às pessoas com *Locus* de Controle Externo.

Nesse contexto, espera-se que pessoas com características de *Locus* de Controle Interno (LCI), estejam sob seu próprio controle (esforço pessoal, competência, etc.), e pessoas com características de *Locus* de Controle Externo (LCE) direcionam o controle da sua vida através do destino, sorte, chance, dentre outros (O'Brien, 1984). Nesse intuito, os indivíduos possuem reações diferentes por terem o *Locus* de Controle Interno que difere do externo (Bastos, 2012).

Portanto, os sujeitos com orientação interna (LCI) apresentam maior resistência a coerção, aceitam mais os desafios, apresentam maior persistência no esforço para obter resultados e são mais resistentes à influência social, não a rejeitando, mas selecionando a qual influência se submeterão, ou seja, se sentem com o controle de sua própria vida, exigindo mais de si mesmo e se concentrando no que podem fazer por conta própria para enfrentar os problemas atuais (Rodrigues, & Alves Pereira, 2007).

Em contrapartida, os sujeitos com orientação externa (LCE) sofrem maior influência afetiva e são passíveis de influência persuasiva, ou seja, sentem que fatores externos tem um controle maior sobre sua vida, exigem mais dos outros, tem uma dependência emocional e funcional, são mais afetados por críticas e pelos elogios, e conseqüentemente, possuem menos resiliência (Dela Coleta, 1982).

A partir das duas personalidades de indivíduos pelos diferentes *Locus* de Controle (LCI ou LCE), sugere-se haver comportamentos distintos na forma como os indivíduos lidam com as dificuldades, mudanças e adaptações da vida, e por isso, algumas pessoas possuem maior resiliência. Diante do exposto, tem-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a influência do *Locus* de Controle na Resiliência dos estudantes de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*? Para responder tal questionamento, o estudo tem o objetivo de analisar se o *Locus* de Controle influencia a resiliência dos Estudantes de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

De maneira geral, a pesquisa se associa àqueles estudos que buscam contribuir com uma formação mais equilibrada e flexível na vida dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, a partir do *Locus* de Controle, em especial o interno (Begley & Boyd, 1987; Kaufmann et al., 1995; Portzky, Wagnild, Bacquer & Audenaert 2010; Rogge & Lourenço, 2015; Damascena, França & Da Silva 2016). Visto que, as dificuldades em manter um equilíbrio são grandes durante as adversidades da vida, não menos, no nível de estudante *stricto sensu*, o estudo pretende auxiliar e ajudar no direcionamento do mesmo, justificando-se assim essa pesquisa.

O estudo oferece contribuições associadas à melhoria na qualidade de vida dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, ao passo que compreender se determinado *Locus* de controle exerce influência sobre a resiliência possibilita que haja um estímulo para desenvolver o *Locus* de controle Interno nos estudantes identificados com *Locus* de Controle Externo. Isso fará com que os estudantes que tenham LCE obtenham maior equilíbrio emocional (resiliência) para lidar com a sobrecarga de tarefas (estudos), melhorando o desempenho acadêmico.

Em termos práticos, os achados contribuem para minimizar as desistências e aumentar a produtividade dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*, ao identificar aqueles com maior resiliência pela observação do tipo de *Locus* de controle. Nesse sentido, os docentes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* podem propagar mudança na crença de que o controle do destino dos alunos com *Locus* de Controle Externo está nas mãos das outras pessoas ou da sorte. Por outro lado, torna-se possível oferecer maior estímulo para melhorar ainda mais

o desempenho dos alunos com crença de que os resultados só dependem dos seus próprios esforços, ou seja, *Locus* de Controle Interno.

2 PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Os programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* exigem dos estudantes dedicação exclusiva aos estudos, no sentido de desenvolver material para os seminários que ocorrem nos encontros presenciais, bem como sua participação ativa na sala de aula e tempo de leitura de textos (artigos) propostos pelos professores, bem como a elaboração de pesquisas científicas por meio de construção de artigos.

A interação entre os estudantes ocorre nas aulas presenciais, quando são apresentados os seminários para cumprimento dos créditos acadêmicos, na biblioteca, no restaurante universitário e em espaços de estudo nas universidades. Neste último, é perceptível o comportamento dos estudantes, algumas vezes de descontração, outros de preocupação em razão da entrega de trabalhos e/ou artigos que fazem parte da rotina dos estudantes de mestrado e doutorado (Rogge & Lourenço, 2015).

O perfil dos estudantes de cursos *Stricto Sensu* segundo Barlach et al. (2008), pode ser avaliado por diversos fatores e aspectos, como: a) Grau de pressão interna (cansaço físico e emocional, alterações fisiológicas, entre outras); b) Grau de pressão na interação com a família; c) Grau de pressão na vida social; d) Grau de pressão no trabalho; e) Grau de pressão quanto ao tempo livre (descanso e lazer); e, f) Grau de pressão na esfera econômica. Diante das adversidades, Rogge e Lourenço (2015), destacam que os acadêmicos manifestam grande sensação de incapacidade frente aos desafios, com choro, estresse e desânimo. Há relatos de acadêmicos que se questionam sobre sua capacidade de dar conta de toda essa demanda, porém essa sensação de impotência é na maioria das vezes superada pela importância de se cumprir uma meta pessoal.

Conquistar um título de mestre ou doutor não significa apenas adquirir um novo degrau de formação acadêmica, pois na maioria das vezes retrata o investimento em uma nova carreira, ou mesmo no desenvolvimento daquela já existente. Nem sempre é o incentivo econômico, a principal razão que levará as pessoas a buscarem tal titulação, mas acima de tudo, a confiança de uma nova perspectiva profissional que as conduzirá a novos desempenhos pessoais, alimentando suas expectativas de reconhecimento, poder, conquista e/ou auto estima (Rogge & Lourenço, 2015).

3 RESILIÊNCIA DOS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

De acordo com Denhardt e Denhardt (2010), a resiliência tem sido compreendida pelas características de indivíduos, empresas, objetos e/ou sistemas. É estabelecida pela capacidade de o indivíduo seguir em frente, a partir de experiências negativas, estressantes ou traumáticas (Tugade & Fredrickson, 2004); se refere ao processo de adaptação e/ou desenvolvimento no combate aos riscos e adversidades (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000; Zautra, Hall & Murray, 2010), enquanto Masten e Wright (2010, p. 215) conceituam como sendo “[...] a capacidade do indivíduo de se manter positivo em momentos de crise ou ameaça”.

Para Reich, Zautra e Hall (2010) a resiliência pode ser compreendida em diversos níveis, sendo: aspectos biológicos, emocionais e comportamentais; na análise das fases de vida humana; na dimensão social da comunidade; e pelas diferenças éticas e culturais. No que tange à resiliência humana, embora a habilidade de crescer diante das adversidades seja consenso entre os autores, ainda existem contradições sobre a resiliência fazer parte da natureza genética de um indivíduo ou pela possibilidade de ser desenvolvida mediante intervenções ao ser humano (Richardson, 2002).

Para Reich et al. (2010) existem dois temas centrais que conceituam a resiliência, sendo: (1) habilidade de se recuperar de um estresse, ou capacidade de reaver o equilíbrio (físico e

psíquico) e a recuperação do estado saudável e produtivo (Masten, 2001); e (2) adaptação à adversidade gera equilíbrio e melhora as competências funcionais (Bonnano, 2004). Garmezy (1974), Garmezy, Masten e Tellegen (1984) reconhecem a importância de compreender a resiliência no processo de desenvolvimento humano, buscando identificar como as pessoas que tinham tudo contra si, alcançaram o sucesso profissional, financeiro e pessoal.

Todo ser humano, em diversos níveis, terá sofrimento em algum momento da vida. Então, é preciso enfrentar ou, mais que isto, ser flexível como uma árvore que se dobra pela pressão do vento e depois volta à posição normal. Para que isso ocorra, é necessário que os indivíduos tenham um certo grau de resiliência (Silveira & Mahfoud, 2008). E, portanto, alguns pesquisadores destacam que, fatores de riscos que levam o ser humano a ficar abalado, como por exemplo, em situações de dificuldades na vida, podem ser considerados pontos fortes para o ser humano alcançar êxito e superar as adversidades (Benson, Leffert, Scales & Blyth, 2012).

Rogge e Lourenço (2015), destacam que há possíveis relações entre as características internas e externas da resiliência (bom humor, empatia, independência, autoconfiança, reflexão, sociabilidade, valores positivos, auto eficácia, aceitação positiva de mudança e orientação positiva para o futuro) e na capacidade de superar pressões do ambiente universitário. Todavia, apesar de haver inter-relação entre as características de resiliência (sensação de incapacidade, sentimento de culpa, desgaste físico e emocional, escassez de tempo), não é possível concluir que alguns indivíduos podem ser resilientes, tendo em vista a sua condição prévia. Nesse sentido, sugere-se que o *Locus* de controle pode ser fator preponderante para determinar a resiliência dos indivíduos.

4 LOCUS DE CONTROLE INTERNO E EXTERNO E A RESILIÊNCIA

O *Locus* de controle trata da expectativa dos indivíduos com relação às contingências de suas próprias atitudes (Rotter, 1966). De acordo com Wenzel (1993), refere-se ao modo como uma pessoa percebe a associação de seus esforços aos resultados pessoais. Para Dela Coleta (1982), o *Locus* de controle mostra a percepção das pessoas sobre a fonte de controle dos acontecimentos, em que estão envolvidas, variando ao longo de um contínuo.

Neste interim, o *Locus* de controle tem sido denominado em interno ou externo. Portanto, o *Locus* de Controle pode ser segregado em dimensões, sendo: *Locus* de Controle Interno pela Internalidade (I); e *Locus* de Controle Externo subdividido em *Locus* de Controle de Outros Poderosos (P) e *Locus* de Controle do Acaso (C). Assim, Dela Coleta (1982) conceitua que o *Locus* de Controle Interno (I) mede o grau em que o sujeito acredita que é responsável pelo controle da sua vida, assim definido como LCI; já o *Locus* de Controle Externo (LCE), a partir do *locus* dos outros poderosos (P), mede a percepção do indivíduo ser controlado por pessoas poderosas e, por fim, o *locus* de controle do acaso (C) mede a percepção do indivíduo ser controlado pelo acaso, sorte ou destino.

Sendo assim, Rotter (1966) identifica que as pessoas com *Locus* Controle Interno entendem que o alcance dos resultados está controlado por seus esforços e competências. Assim, o indivíduo com orientação interna acredita que os resultados de um evento são consequência das suas ações, habilidades, esforços e estão sob seu controle (Kaufmann et al., 1995; Noriega et al., 2003).

De acordo com Rotter (1966) os indivíduos com *Locus* de Controle Interno tendem a atribuir a si mesmos as responsabilidades pelo que acontece a eles, e assim, se sentem responsáveis pelo controle da maior parte das situações que enfrentam. Loosemore e Lam (2004) afirmaram que os indivíduos com um *Locus* de Controle Interno conseguem: 1. Estar concentrados em oportunidades no ambiente para alavancar a possibilidade de atingir seus objetivos; 2. Se engajar em ações de melhoramento no seu ambiente; 3. Disponibilizar mais esforço para alcance dos objetivos; 4. Ser mais focado ao desenvolvimento de suas próprias habilidades; 5. Elaborar mais perguntas; e 6. Memorizar mais informações.

Por consequência, Begley e Boyd (1987), apontam também a necessidade de compreender a relação *Locus* de Controle e com o perfil dos estudantes, sejam eles, de graduação, pós-graduação *latu* ou *Stricto Sensu*. Rodrigues (2007) identificou que o *Locus* de Controle Interno de universitários está relacionado positivamente com a felicidade, bem-estar, afeto do ponto de vista positivo e satisfação com a vida.

Para Grotberg (2005), indivíduos resilientes são capazes de enfrentar as adversidades da vida, saindo fortalecidos. Ademais, Conner (1995) identifica que os indivíduos com nível de resiliência alto estão preparados e conseguem absorver de forma imediata as transformações, apresentando poucas disfunções causadas por essas alterações, ou seja, são indivíduos que possuem controle interno e se adaptam às mudanças facilmente.

Assim sendo, tem-se a seguinte hipótese de pesquisa:

- H1: O *Locus* de Controle Interno aumenta o nível de resiliência (competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e autoconfiança) dos alunos de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Por outro lado, o indivíduo com orientação externa (*Locus* de Controle Externo) acredita que os resultados de um evento estão além do seu controle (Kaufmann et al., 1995; Noriega et al., 2003). Ademais, Rotter (1966) mencionou que as pessoas com *Locus* externo possuem a crença de que o alcance dos resultados depende de qualquer outro fator externo e não delas mesmas, como por exemplo: sorte, fé, outras pessoas ou ao acaso. Geralmente, são pessoas que acreditam que o destino, a sorte ou Deus é responsável pelo que lhes ocorre (Rotter, 1966).

O *Locus* de Controle Externo tem sido relacionado a uma maior capacidade de produzir o seu efeito habitual, de funcionar normalmente. Os indivíduos que buscam na crença o seu sucesso, dependem mais de fatores externos do que internos e, frequentemente, apresentam maior apreço aos seus liderados. Outro resultado positivo associado ao *Locus* de Controle Externo é a amplitude para lidar com os eventos inesperados (Loosemore & Lam, 2004).

Para Klonowicz (2001) e Rodrigues (2007), indivíduos com *Locus* de Controle Externo (LCE) possuem níveis mais baixos de bem-estar subjetivo. Glass e Singer (1972) destacam que os indivíduos que possuem o controle da situação, ou seja, detém *Locus* de Controle Interno, possuem um melhor desempenho na realização das tarefas.

Haveroth, Ganz, Bilk e Silva (2017) analisaram a relação entre as características sociais de estudantes de contabilidade, *Locus* de Controle e resiliência, e os achados indicaram haver uma relação negativa entre a resiliência e o *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos. De acordo Albuquerque, Noriega, Martins e Neves (2008), o indivíduo pode sofrer variação no nível de felicidade, dependendo do padrão exigido adotado. O indivíduo acredita que se ele se manter imparcial com a realidade, o *Locus* de Controle do Acaso é responsável por tudo na vida, e que seu nível de resiliência diminui, pois, qualquer esforço para influenciar ou modificar a realidade será inútil. Desse modo, tem-se a segunda hipótese de pesquisa:

- H2: O *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos (Controle Externo do Acaso) diminui o nível de resiliência (competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e autoconfiança) dos alunos de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem por objetivo verificar qual a influência do *Locus* de Controle na Resiliência dos estudantes de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Esta pesquisa é classificada como descritiva quanto aos objetivos. No que se refere aos procedimentos, é um estudo de campo (*survey*), por meio de um questionário estruturado. Por fim, utiliza-se a abordagem quantitativa, devido aos testes estáticos aplicados na análise dos resultados.

5.1 População e Amostra da Pesquisa

A população da pesquisa compreende todos os estudantes de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* dos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Turismo, das universidades públicas, privadas e comunitárias do Estado de Santa Catarina, totalizando 485 mestrandos e doutorandos. A amostra da pesquisa se restringiu a 145 alunos que responderam o questionário por completo, representando 29,9% da população.

5.2 Instrumentos, coleta e tratamento dos dados

O estudo se desenvolveu em três partes, contendo as informações em questionário devidamente estruturado: a) perfil do respondente; b) escala de resiliência; e c) escala multifatorial de *Locus* de controle. O questionário sobre escala de resiliência, utilizado nesta pesquisa, pode ser encontrado no estudo de Wagnild e Young (1993), versão adaptada para o português por Pesce et al. (2005). O questionário sobre *Locus* de Controle, utilizado nesta pesquisa, pode ser encontrado no estudo de Levenson (1981) adaptado ao contexto brasileiro por Dela Coleta (1982). Evidencia-se que nas etapas “b” e “c” foi utilizada a escala *Likert* de cinco pontos, validada e adaptada ao contexto brasileiro.

O pré-teste não foi efetuado tendo em vista que o modelo foi replicado do estudo de Wagnild e Young (1993) e Levenson (1981), e estava adequado para a população do referido artigo pelos estudos já abordados em nível nacional. O questionário da pesquisa foi disponibilizado pelo *Google Docs* e enviado aos coordenadores dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, os quais encaminharam aos mestrandos e doutorandos de seus respectivos programas durante o período de setembro/2018 a novembro/2018.

A Tabela 1 identifica as variáveis utilizadas, bem como autores que dão sustentação para a análise da influência do *Locus* de Controle na resiliência dos estudantes de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Tabela 1 – Composição das variáveis do estudo

Variáveis	Descrição	Métrica	Autores de base
Dependente	RESIL	Resiliência calculada pela média de cada respondente.	Wagnild e Young (1993); Pesce et al. (2005); Damascena, França e Da Silva (2016).
	LCI	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle Interno, calculado pela média de cada respondente	Rotter (1966) Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena, França e Da Silva (2016).
Independente	LCE	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle Externo, calculado pela média de cada respondente	Rotter (1966) Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena, França e Da Silva (2016).
	LCP	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle dos Outros Poderosos, calculado pela média de cada respondente	Rotter (1966) Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena, França e Da Silva (2016).
	LCC	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle do Acaso, calculado pela média de cada respondente	Rotter (1966) Levenson (1981); Dela Coleta (1982); Damascena, França e Da Silva (2016).
Controle	Gênero	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes do sexo feminino e 0 do sexo masculino	Reed, Kratchman e Strawser, (1994); Fernandes et al. (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
	Estado Civil	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes casados e 0 caso contrário	Reed, Kratchman e Strawser, (1994); Fernandes et al. (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
	Renda	1 - mais de um e até três sal. min. 2 - mais de três e até cinco sal. min. 3 - mais de cinco e até dez sal. min. 4 - mais de dez e até vinte sal. min. 5 - mais de vinte sal. min.	Reed, Kratchman e Strawser, (1994); Fernandes et al. (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).

Filhos	<i>Dummy</i> igual a 1 para respondentes com filho e 0 caso contrário	Reed, Kratchman e Strawser, (1994); Fernandes et al. (2011); Santos (2011); La Rosa (2012).
--------	---	---

Fonte: elaborado pelos autores.

O constructo de mensuração da resiliência foi desenvolvido por Wagnild e Young (1993) e possui 25 itens descritos mensurados por escala *Likert* variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Essa escala foi adaptada ao contexto brasileiro e validada por Pesce et al. (2005), para manter a originalidade das características do estudo.

Ademais, o estudo de Dalmoro e Vieira (2014), por exemplo, afirmam que a escala de 5 pontos demonstra maior objetividade e traz resultados mais confiáveis. Em seguida, foi elaborada a análise de confiabilidade do instrumento e verificou-se que o Alfa de Cronbach não foi prejudicado, apresentando um resultado de 0,855 no questionário da Resiliência, e Alfa de Cronbach de 0,763 no questionário do *Locus* de Controle. De acordo com, Streiner (2003) o mínimo aceitável para confiabilidade do questionário pelo Alfa de Cronbach é de 0,70.

Para análise dos dados, primeiramente foi utilizada a estatística descritiva. Em seguida, foi aplicada a análise fatorial entre as questões de resiliência para segregá-las em fatores analisados em modelos econométricos subsequentes. Por fim, aplicou-se a regressão linear múltipla entre as variáveis de características pessoais, do *Locus* de Controle Interno, *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos e do Acaso, com relação as variáveis de resiliência geradas a partir da análise fatorial. Todos os procedimentos de análise dos dados foram aplicados com o uso do *software* SPSS.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, tem-se a Tabela 2 com a estatística descritiva. Os achados indicam que 45,5% dos pesquisados são do gênero masculino e 54,5% do gênero feminino. Em relação ao Estado Civil, 44,1% são solteiros e 55,9% casados. A respeito da Renda, 11% recebem entre um a 3 salários mínimos, 20,7% de 3 a 5 salários mínimos, 42,80% ganham de 5 a 10 salários mínimos, 20,7% se enquadram entre 10 a 20 salários mínimos e 4,8% acima de 20 salários mínimos. Por fim, 59,3% não possuem filhos, em contrapartida, 40,7% possuem filhos.

Tabela 2 – Estatística Descritiva

Variáveis	Categorias	Frequência	LCI	LCP	LCC	RESIL
Gênero	Homens	66 45,50%	3,670 (0,5219)	2,072 (0,5517)	2,140 (0,5131)	3,884 (0,3940)
	Mulheres	79 54,50%	3,747 (0,4376)	2,158 (0,6534)	2,321 (0,6004)	3,948 (0,4583)
Estado Civil	Solteiro	64 44,10%	3,656 (0,4682)	2,205 (0,6537)	2,357 (0,5213)	3,915 (0,4429)
	Casado	81 55,90%	3,756 (0,4833)	2,051 (0,5655)	2,145 (0,5881)	3,921 (0,4223)
Renda	Mais de 1 até 3 salários mínimos	16 11,00%	3,797 (0,3870)	2,398 (0,8129)	2,563 (0,5737)	3,890 (0,3788)
	Mais de 3 até 5 salários mínimos	30 20,70%	3,579 (0,4434)	2,246 (0,5803)	2,275 (0,5903)	3,829 (0,4115)
	Mais de 5 até 10 salários mínimos	62 42,80%	3,635 (0,4966)	2,200 (0,5495)	2,327 (0,4646)	3,935 (0,4902)
	Mais de 10 até 20 salários mínimos	30 20,70%	3,917 (0,4576)	1,762 (0,5079)	1,937 (0,5934)	3,993 (0,3644)
	Mais de 20 salários mínimos	07 4,8%	3,893 (0,4645)	1,750 (0,3819)	1,857 (0,5838)	3,903 (0,3199)
	Filhos	Não	86	3,674	2,196	2,346

	59,30%	(0,4331)	(0,6131)	(0,5520)	(0,4452)
Sim	59	3,767	2,006	2,083	3,894
	40,70%	(0,5892)	(0,5892)	(0,5583)	(0,4093)

Fonte: Dados da pesquisa.

Além disso, conforme a Tabela 2, as mulheres apresentam um *Locus* de controle maior, em todas as dimensões (interno, poderosos e acaso) do que os homens, diferenciando-se do estudo de Damascena et al. (2016), os quais concluíram que os homens possuem um *Locus* de controle maior que as mulheres. Destaca-se que a maior média foi no LCI, indicando que os estudantes *Stricto Sensu* do gênero feminino acreditam que o controle de sua vida depende somente delas mesmas e não do acaso ou de fatores abstratos de superstição.

No que se refere à resiliência, as mulheres apresentam média superior comparadas aos homens, constando-se assim que o gênero feminino tem mais facilidade para enfrentar situações de estresse e para superar as adversidades. Esse resultado corrobora os achados de Onder e Gulay (2008), mas contraria Surucu e Bacanlı (2010).

Com relação ao Estado Civil, observa-se que o LCI é maior para os respondentes casados, ou seja, os estudantes casados possuem maior LCI, do que os estudantes solteiros. Já o LCC e LCP são maiores entre os solteiros, ou seja, os estudantes solteiros atribuem seus esforços às outras pessoas ou a sorte. Por fim, tem-se que à resiliência também é maior entre os respondentes casados, corroborando Scorsolini-Comin e Santos (2011).

Relacionado à renda, pode-se observar que os estudantes que recebem entre 10 a 20 salários mínimos, foram os que apresentaram LCI mais elevado. Em contrapartida, aqueles que ganham entre 3 a 5 salários mínimos, tiveram o LCP e LCC mais alto. E, sobre a renda associada à resiliência, aqueles que recebem de 10 a 20 salários mínimos continuam tendo a maior média, enquanto que aqueles com renda entre 3 a 5 salários mínimos são menos resilientes.

Os resultados confirmam as inferências de Serin, Serin e Sahin (2010), em que os alunos com maior renda têm mais controle interno do que aqueles com renda baixa e média. Por último, relacionado a ter filhos ou não, os respondentes com filhos possuem LCI maior que aqueles sem filhos. Porém, os que não tem filhos são mais resilientes do que os respondentes que possuem filhos.

A Tabela 3 demonstra os resultados da análise fatorial das questões que envolvem a resiliência.

Tabela 3 – Análise Fatorial das questões de Resiliência

Questões da Variável de Resiliência	Fator 1	Fator 2	Fator 3
1. Quando eu faço planos, eu persisto com eles.	0,784		
2. Eu, normalmente, lido com os problemas de uma forma ou de outra.	0,513		
3. Eu sou capaz de depender de mim mesmo mais do que dos outros.		0,478	
4. Manter o interesse nas coisas é importante para mim.			0,734
5. Eu posso ficar sozinho se eu precisar.			0,610
6. Eu sinto orgulho por ter obtido coisas em minha vida.			0,432
7. Eu, normalmente, consigo as coisas sem muita preocupação.		0,569	
8. Eu sou amigo comigo mesmo.		0,671	
9. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	0,427		
10. Eu sou determinado.	0,793		
11. Eu raramente penso sobre a razão das coisas.			0,374
12. Eu faço as coisas um dia de cada vez.		0,328	
13. Eu supero momentos difíceis por ter passado várias dificuldades.	0,470		
14. Eu tenho autodisciplina.	0,799		
15. Eu mantenho o interesse nas coisas.	0,721		
16. Eu, normalmente, posso achar um motivo para rir.		0,479	
17. Minha crença em mim mesmo me faz superar momentos difíceis.		0,683	
18. Em uma emergência, geralmente, as pessoas podem contar comigo.		0,373	

19. Eu sempre olho para uma situação de maneiras diferentes.	0,524	
20. Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não.		0,354
21. Minha vida tem significado.		0,497
22. Eu não fico me estendendo com coisas que eu não posso fazer nada.	0,485	
23. Quando eu estou em uma situação difícil encontro alguma saída.	0,528	
24. Eu tenho energia suficiente para fazer o que preciso fazer.	0,624	
25. Tudo bem se existem pessoas que não gostam de mim.		0,393

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se que a resiliência foi agrupada em três categorias determinadas em três fatores, assim definidos: Fator I – Competência Pessoal, II – Aceitação de si mesmo e da vida e III - Autoconfiança. Os resultados corroboram com as categorias geradas pelos estudos de Pesce et al. (2005), e diferem da pesquisa feita por Wagnild e Young (1993), em que eles em seu estudo consideraram apenas dois fatores, sendo a competência pessoal e a aceitação de si mesmo e da vida.

Sendo assim, o fator 1 foi determinado teoricamente pela resiliência da competência pessoal, o fator 2 pela resiliência da aceitação de si mesmo e da vida e, por fim, o fator 3 pela resiliência da autoconfiança. Os três fatores explicaram 40,9% da variância total do modelo, corroborando Corrar, Paulo e Dias Filho (2011), que confirmaram a validação da técnica pelo resultado superior (30%).

A Tabela 3 mostra a carga fatorial de cada item em relação aos três fatores encontrados. Os resultados obtidos, pelo critério varimax, evidenciaram no primeiro fator o agrupamento de oito variáveis. E, a partir dela entende-se que ao fazer planos aumenta-se a resiliência (0,784), ser determinado (a) é uma forma de resiliência (0,793), ter disciplina é ser resiliente (0,799), manter o interesse pelas coisas é ser resiliente (0,721). A natureza destas variáveis faz inferir sobre a denominação do primeiro fator, o qual se refere às atividades de competência pessoal para melhorar a forma de ser mais resiliente.

O segundo fator subjacente foi explicado por onze variáveis originais, denominadas de aceitação de si mesmo e da vida, o qual explicou 7,8% (0,078). E, a partir deste entende-se que acreditar em si mesmo, ter confiança em si mesmo eleva as chances de ser resiliente (0,683), olhar para uma situação de formas diferentes também é ser resiliente (0,524), e encontrar uma saída nos momentos difíceis torna o indivíduo resiliente (0,528). Por fim, o terceiro fator foi explicado por seis variáveis originais, denominadas de Autoconfiança, o qual explicou 6,6% (0,066). A partir deste, entende-se que o interesse pelas coisas é um modo para ser resiliente (0,734), pois observa-se que ficar sozinho (a) quando for preciso é ser resiliente (0,610), e ter um significado para a vida (0,497) também satisfaz os meios de ser resiliente.

Na sequência, tem-se os resultados da regressão linear múltipla da influência do *Locus* de Controle Interno, *Locus* de Controle Externo dos outros poderosos e do Acaso sobre os fatores de resiliência, conforme Tabela 4.

Tabela 4 – Influência do *Locus* de Controle Interno, *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos e do Acaso sobre os fatores de Resiliência

Variáveis Explicativas	Resiliência (Fator 1)		Resiliência (Fator 2)		Resiliência (Fator 3)	
	Competência Pessoal		Aceitação de si mesmo e da vida		Autoconfiança	
	Coefficiente	Sig.	Coefficiente	Sig.	Coefficiente	Sig.
LCI	0,509	0,000*	0,521	0,000*	0,307	0,000*
LCP	-0,160	0,116	-0,212	0,016*	-0,176	0,016*
LCC	0,107	0,329	0,167	0,076	0,052	0,508
Gênero	0,073	0,451	-0,078	0,348	0,063	0,361
Estado Civil	0,002	0,988	-0,019	0,829	-0,026	0,724
Renda	-0,044	0,383	0,046	0,295	-0,043	0,234
Filhos	-0,043	0,682	-0,127	0,164	-0,111	0,140
R ²	0,240		0,286		0,211	

Durbin-Watson	2,163	2,151	1,768
VIF	1,058 à 1,916	1,058 à 1,916	1,058 à 1,916
Sig. ANOVA	0,000*	0,000*	0,000*
Pesarán-Pesarán	0,109	0,120	0,001

* significância ao nível de 5%.

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se na Tabela 4 que o R^2 ajustado foi de 24%, 28,6% e 21,1%, respectivamente, para cada modelo de resiliência advindo dos fatores obtidos pela análise fatorial. Desse modo, percebe-se que em todos os modelos testados, as variáveis independentes possuem um poder explicativo para resiliência que varia de 21% a 28%, resultado similar ao encontrado no estudo de Mansor, Che-Ahmad, Ahmad-Zaluki e Osman (2013).

O resultado da estatística de Durbin-Watson demonstra que não há problemas de auto correlação dos resíduos, já que os valores ficaram próximos de dois. Ademais, o fator de inflação de variância (VIF) e Tolerance apresentou valores menores de 10 e, portanto, não há problema de multicolineariedade. Conforme Hair, Babin, Money e Samouel, 2005, um VIF é considerado alto quando está acima de dez. Verifica-se que o teste ANOVA foi significativo em 5%, ou seja, o conjunto de variáveis independentes exerce influência sobre a variável dependente (RESIL). E, por fim, o teste de Pesarán-Pesarán não foi significativo ao nível de 5% em todos os modelos, rejeitando-se a hipótese nula de homocedasticidade (Coelho & Cunha, 2007), ou seja, a variância dos resíduos é constante para os modelos de resiliência.

Os achados sugerem que o *Locus* de Controle Interno apresentou influência significativa sobre os três fatores de resiliência (1, 2 e 3). Conclui-se que os estudantes do *stricto sensu* com *Locus* de Controle Interno são mais resilientes, confirmando-se a hipótese H1. Este achado corrobora Xavier (2005) e Carneiro e Fernandes (2015) em que as pessoas com características de LCI possuem maior autocontrole sobre a vida e, conseqüentemente, apresentam-se com maior resiliência.

Por outro lado, o *Locus* de Controle Externo de outros poderosos (LCP) apresentou influência negativa nos fatores 2 e 3 da resiliência. Este achado confirma que existe influência na aceitação de si mesmo e da vida e na autoconfiança, e quanto menor for o LCP dos estudantes *stricto sensu*, mais resiliente se tornam, confirmando-se a hipótese H2. Confirma-se as inferências de que quanto menor o nível de externalidades (LCE), maior será o bem-estar das pessoas, trazendo como consequência uma atuação mais resiliente para os desafios diários, corroborando com o estudo feito por Albuquerque et al. (2008) e Carneiro e Fernandes (2015).

Ademais, o *Locus* de Controle Externo do Acaso (LCC) não apresentou significância em nenhum fator da resiliência (I, II e III), não sendo possível se fazer inferência à hipótese 2, no que tange ao *Locus* de Controle do Acaso. Os achados ajudam a explicar o porquê o *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos tiveram impacto na menor resiliência e o acaso não ter resultado. Como por exemplo Burger (1989), ao indicar que certas pessoas não assumem a responsabilidade pelos seus insucessos e, por isso, delegam isso a algo ou alguém como é o caso do *Locus* de Controle Externo dos Outros Poderosos, e ao mesmo tempo não responsabilizam suas atribuições ao acaso, sorte ou destino como é o caso do *Locus* de Controle Externo do Acaso. Nesse sentido, a preferência deste tipo de indivíduo é encontrar um culpado que não seja abstrato e, isso fará com que tenham menor nível de resiliência para o enfrentamento das adversidades diárias.

Adicionalmente, observa-se na Tabela 7 que as variáveis independentes (Gênero, Estado Civil, Renda e filhos), não foram significantes para explicar os fatores de resiliência. Nesse sentido, conclui-se que tais características individuais não são indicações importantes para o indivíduo lidar, diferentemente, com as barreiras do dia-a-dia. Esse achado está de acordo com a pesquisa de Wagnild e Young (1993), pois eles também não encontraram relações significativas entre essas variáveis independentes com a resiliência, e contraria pesquisas de

Begley e Boyd (1987) e Rodrigues (2007). Portanto, sugerem-se outros aspectos dos indivíduos que podem influenciar na mudança de comportamento frente à resiliência, como por exemplo: formação, experiências vivenciadas, dentre outras.

Na sequência, tem-se o teste de sensibilidade para verificar se pelo agrupamento das variáveis de *Locus* de Controle Externo (Outros Poderosos e Acaso) pôde-se modificar os efeitos observados. A Tabela 5 demonstra a influência do *Locus* de Controle Interno e Externo nos fatores de resiliência.

Tabela 5 – Influência do *Locus* de Controle Interno e Externo sobre os fatores de Resiliência

Variáveis Explicativas	Resiliência (Fator 1)		Resiliência (Fator 2)		Resiliência (Fator 3)	
	Competência Pessoal		Aceitação de si mesmo e da vida		Autoconfiança	
	Beta	Sig.	Beta	Sig.	Beta	Sig.
LCI	0,510	0,000*	0,530	0,000*	0,313	0,000*
LCE	-0,269	0,003*	-0,062	0,430	-0,134	0,038*
Gênero	0,076	0,432	-0,060	0,475	0,074	0,286
Estado Civil	0,001	0,999	-0,031	0,730	-0,033	0,654
Renda	-0,043	0,389	0,051	0,246	-0,040	0,275
Filhos	-0,045	0,669	-0,138	0,134	-0,118	0,119
R ²	0,240		0,258		0,195	
Durbin-Watson	2,168		2,141		1,821	
VIF	1,055 à 1,347		1,055 à 1,347		1,055 à 1,347	
Sig. ANOVA	0,000*		0,000*		0,000*	
Pesáran-Pesáran	0,121		0,314		0,004	

Fonte: dados da pesquisa.

Destaca-se que em todos os modelos foram atendidos aos pressupostos de auto correlação dos resíduos pelo teste de durbin-watson, de multicolinearidade pelo VIF, a significância do modelo pelo teste ANOVA e também a homocedasticidade pelo teste de Pesarán-Pesarán. De maneira geral, os resultados confirmam que o *locus* de controle interno influencia positivamente nos três fatores de resiliência.

Por outro lado, o *Locus* de Controle Externo, observando pelas variáveis conjuntas de outros poderosos e do acaso, demonstrou influência negativa nos fatores 1 e 3 da resiliência. Nesse sentido, conclui-se que quanto menor o LCE dos estudantes *Stricto Sensu*, maior o fator de resiliência no quesito pessoal e autoconfiança. Esse achado associa-se com a pesquisa de Ng, Sorensen e Eby, (2006), em que consideraram que o LCE pode afetar diretamente o comportamento dos estudantes, prejudicando sua qualidade de vida e, conseqüentemente, diminuindo sua competência pessoal e autoconfiança. Contudo, esse achado contraria a pesquisa de Portzky et al. (2010) em que eles encontram uma correlação significativa entre fatores externos e o fator 2 de resiliência (aceitação de si mesmo e da vida).

Por fim, elaborou-se um teste de sensibilidade utilizando apenas as variáveis individuais do *Locus* de Controle Interno e Externo. Este teste buscou comprovar a influência do *Locus* de controle interno e externo sobre os fatores de resiliência, conforme exposto na Tabela 6.

Tabela 6 – Teste de Sensibilidade da Influência do *Locus* de Controle Interno e Externo sobre os fatores de Resiliência

Variáveis Explicativas	Resiliência (Fator 1)		Resiliência (Fator 2)		Resiliência (Fator 3)	
	Competência Pessoal		Aceitação de si mesmo e da vida		Autoconfiança	
	Beta	Sig.	Beta	Sig.	Beta	Sig.
LCI	0,506	0,000*	0,522	0,000*	0,302	0,000*
LCE	-0,224	0,008*	-0,072	0,326	-0,074	0,232
R ²	0,226		0,235		0,136	
Durbin-Watson	2,087		2,160		1,792	
VIF	1,020		1,020		1,020	
Sig. ANOVA	0,000*		0,000*		0,000*	

Pesáran-Pesáran

0,037

0,260

0,029

Fonte: dados da pesquisa.

Os achados reafirmam que o *Locus* de Controle Interno influencia positivamente a resiliência em nível de competência pessoal, aceitação de si mesmo e da vida e na autoconfiança dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*. Os achados de Noriega et al. (2003) confirmam o resultado de que ter maior autonomia e demais fatores do *Locus* de Controle Interno melhoram as competências pessoais, a aceitação de si mesmo e da vida e a autoconfiança. Diante destas constatações, afirma-se que pessoas com alto LCI são otimistas, e possuem satisfação na vida, e, conseqüentemente, possuem níveis mais elevados de bem-estar e persistência.

Por outro lado, o *Locus* de Controle Externo influencia negativamente a resiliência de competência pessoal dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*. Os achados de Noriega et al. (2003) ajudam a explicar porque ter pensamento de que tudo depende dos outros, sorte ou destino, como é o caso do LCE, pode interferir apenas nas competências pessoais e não nos demais fatores de resiliência. Pois, segundo o autor, essas pessoas possuem características opostas das pessoas com *Locus* Controle Interno como, por exemplo, apatia, desinteresse, falta de iniciativa, baixa autoestima, pessimismo, desesperança e alienação e, isso faz com que afete principalmente suas competências pessoais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o objetivo do estudo foi atingido, uma vez que se pretendia analisar a influência do *Locus* de Controle na resiliência dos Estudantes de Programas *Stricto Sensu* na área de Administração Pública de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo (o que de fato ocorreu). A pesquisa destaca os principais resultados, em que as mulheres têm um *Locus* de controle maior do que os homens, diferenciando-se do estudo de Damascena et al. 2016, isso significa dizer que os estudantes *Stricto Sensu* do sexo feminino acreditam que o controle de sua vida depende mais delas do que de outras pessoas e do acaso.

E, sobre a renda associada à resiliência, os estudantes que recebem entre 10 a 20 salários mínimos possuem a maior média. Isso significa dizer que os estudantes que recebem entre 10 a 20 salários possuem mais resiliência ao passar por situações difíceis, enquanto que, aqueles com renda entre 3 a 5 salários mínimos são os estudantes que menos conseguem administrar as dificuldades, sendo menos resilientes. No estudo de Serin et al. 2010, os alunos com alto nível de renda têm mais controle interno do que estudantes com nível de renda baixa e média.

As hipóteses H1 e H2 foram confirmadas, pois o estudo demonstrou que os estudantes com LCI, ou seja, mais autoconfiança em si mesmo, conseguem ser mais resilientes do que os estudantes que possuem mais LCE, ou seja, acreditam mais nas outras pessoas do que nelas mesmas. Tais achados reforçam os argumentos de Loosemore e Lam (2004) de que indivíduos com um *Locus* de Controle Interno poder estar mais preparados para as oportunidades, visto que possuem maior probabilidade para o alcance dos objetivos e pelo maior comprometimento sobre as tarefas e desafios.

Conclui-se que os estudantes do gênero feminino têm maior tendência ao *locus* de controle interno que também pode ser fator explicado pelo resultado encontrado na resiliência, em que as mulheres também apresentaram mais resiliência que os homens. Portanto, sugere-se que aqueles com *Locus* de Controle Interno tem tendência para maior resiliência diante dos desafios a serem enfrentados na vida.

Os resultados deste estudo poderão contribuir para melhoria da qualidade de vida dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, quando compreenderem que *Locus* de Controle exerce influência sobre a resiliência, pois, os achados desta pesquisa comprovam que os estudantes *stricto sensu* com níveis mais elevados de *Cocus* de Controle Interno possuem mais equilíbrio emocional (resiliência) para enfrentar situações de sobrecarga de tarefas (estudos), progredindo também seu desenvolvimento acadêmico.

Contribui-se ao oferecer achados que podem minimizar as desistências e aumentar a produtividade dos alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu*, ao identificar aqueles com maior resiliência pela observação do tipo de *Locus* de controle. Assim, os coordenadores de programas de pós-graduação *stricto sensu* ao identificar estudantes com características de *Locus* de Controle Externo buscar atuar na modificação das crenças que desestimulam suas habilidades no desenvolvimento das tarefas.

Este achado corrobora com Richardson (2002) ao indicar que a resiliência humana apesar de fazer parte da genética, também pode ser desenvolvida por intervenções advindas do próprio ser humano ou da sociedade em que participa. Isso fará com que os estudantes que tenham LCE consigam obter melhores níveis de resiliência pelo desenvolvimento do equilíbrio emocional (resiliência) para lidar com a sobrecarga de tarefas (estudos). Estes fatores podem auxiliar na melhoria do desempenho acadêmico dos estudantes e, assim, melhorar a produtividade dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Dentre as limitações do presente estudo, destaca-se a realização do questionário a uma amostra não probabilística e, por conveniência, concentrada em um único estado. Essas inconveniências colaboram para a não generalização dos resultados. Diante disso, como sugestão para futuras pesquisas, sugere-se o aumento da amostra, visando alcançar maior número de mestrandos e doutorandos em outras regiões, além da utilização de outras técnicas estatísticas que possibilitem explorar os dados sob outros ângulos, bem como poderia ser aplicado aos professores de universidades do Brasil.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F. J. B. D., Noriega, V., Angel, J., Martins, C. R., & Neves, M. T. D. S. (2008). Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. *Psicologia para América Latina*, (13), 0-0.
- Barlach, L., Limongi-França, A. C., & Malvezzi, S. (2008). O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 101-112.
- Bastos, A. V. B. (2012). Questões metodológicas que cercam a produção científica em psicologia - o caso das pesquisas sobre *locus* de controle no contexto organizacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(1), 1-20.
- Begley, T. M., & Boyd, D. P. (1987). Psychological characteristics associated with performance in entrepreneurial firms and smaller businesses. *Journal of business venturing*, 2(1), 79-93.
- Benson, P. L., Leffert, N., Scales, P. C., & Blyth, D. A. (2012). Beyond the “village” rhetoric: Creating healthy communities for children and adolescents. *Applied developmental science*, 16(1), 3-23.
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American psychologist*, 59(1), 20.
- Burger, J. M. (1989). Negative reactions to increases in perceived personal control. *Journal of personality and social psychology*, 56(2), 246.
- Carneiro, L. L., & Fernandes, S. R. P. (2015). Bem-estar pessoal nas organizações e locus de controle no trabalho [Bem-estar pessoal nas organizações e local de trabalho do controle. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 15 (3), 257-270.
- Christopher, M., & Peck, H. (2004). Building the resilient supply chain. *The international journal of logistics management*, 15(2), 1-14.

- Coelho, A. C., & Cunha, J. V. A. (2007). Regressão linear múltipla. In: Corrar, L. J., Paulo, E., e Dias-Filho, J. M. (Coord.). *Análise multivariada: para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*. São Paulo: Atlas, 131-231.
- Conner, D. R. (1995). *Gerenciando na velocidade da mudança*. Rio de Janeiro: Infobook.
- Connor, K. M. (2006). Assessment of resilience in the aftermath of trauma. *Journal of Clinical Psychiatry*, 67(2), 46-49.
- Coronado Hijón, A., & Paneque Folch, M. (2015). Resiliencia al fracaso escolar y desventaja sociocultural: un reto para la Orientación y la Tutoría. *Trauma, Contexto y Exclusión. Promocionando la resiliencia*.
- Corrar, L., Paulo, E., Dias Filho, J. M., & Rodrigues, A. (2011). *Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*.
- Dalmoro, M., & Vieira, K. M. (2014). Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?. *Revista gestão organizacional*, 6(3).
- Damascena, L. G., França, R. D., & da Silva, J. D. G. (2016). Relação entre locus de controle e resiliência: um estudo com profissionais contábeis. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(29), 69-90.
- Dela Coleta, J. A. D. (1982). *Atribuição de causalidade: teoria e pesquisa*. FGV-Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Denhardt, J., & Denhardt, R. (2010). Building organizational resilience and adaptive management. In: Reich, J. W.; Zautra, A. J.; Hall, J. S. *Handbook of adult resilience*. New York, London: The Guilford Press, 333-349.
- Fernandes, B. V. R., Lima, D. H. S. D., Vieira, E. T., & Niyama, J. K. (2011). Análise da percepção dos docentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Brasil quanto ao processo de convergência às normas internacionais de contabilidade aplicadas no Brasil.
- Garnezy, N. (1974). The study of competence in children at risk for severe psychopathology. In: Anthony, E. J.; Koupernik, C. (Eds.). *The child and his family. Children at psychiatric risk*. New York: Wiley, (3), 77-97.
- Garnezy, N., Masten, A. S., & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: A building block for developmental psychopathology. *Child development*, 55(1), 97-111.
- Glass, D. C., & Singer, J. E. (1972). Behavioral Aftereffects of Unpredictable and Uncontrollable Aversive Events: Although subjects were able to adapt to loud noise and other stressors in laboratory experiments, they clearly demonstrated adverse aftereffects. *American Scientist*, 60(4), 457-465.
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*, 15-22.
- Haveroth, Ganz, Bilk, Silva (2017). Relação entre as características sociais de estudantes de contabilidade, locus de controle e resiliência. Anais do Congresso UnB de Contabilidade e Governança, Brasília, DF, Brasil.
- Hair, J., Babin, B., Money, A., & Samouel, P. (2005). *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Bookman Companhia Ed.

- Kaufmann, P. J., Welsh, D. H., & Bushmarin, N. V. (1995). Locus of control and entrepreneurship in the Russian Republic. *Entrepreneurship theory and practice*, 20(1), 43-56.
- Klonowicz, T. (2001). Discontented people: reactivity and locus of control as determinants of subjective well-being. *European Journal of Personality*, 15(1), 29-47.
- La Rosa, J. (2012). Locus de controle: uma escala de avaliação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7(03), 327-344.
- Levenson, H. (1981). Differentiating among internality, powerful others, and chance. In: Lefcourt, H.M. (Ed.), *Research with the Locus of Control Construct: Assessment Methods*, vol. 1. *Academic Press, New York*, 15-59.
- Loosemore, M., & Lam, A. S. Y. (2004). The locus of control: a determinant of opportunistic behaviour in construction health and safety. *Construction management and economics*, 22(4), 385-394.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child development*, 71(3), 543-562.
- Luthar, S. S. (1991). Vulnerability and resilience: A study of high-risk adolescents. *Child development*, 62(3), 600-616.
- Mansor, N., Che-Ahmad, A., Ahmad-Zaluki, N. A., & Osman, A. H. (2013). Corporate governance and earnings management: A study on the Malaysian family and non-family owned PLCs. *Procedia Economics and Finance*, 7, 221-229.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American psychologist*, 56(3), 227.
- Masten, A. S., & Wright, M. O. (2010). Resilience over the lifespan: Developmental perspectives on resistance, recovery, and transformation (pp. 213–237). *New York, NY: Guilford*.
- Ng, T. W. H., Sorensen, K. L. & Eby, L. T. (2006). Locus of control at work: a metaanalysis. *Journal of Organizational Behavior*, 27, 1057–1087
- Noriega, J. Á. V., Albuquerque, F. J. B. D., Alvarez, J. F. L., Oliveira, L. M. S., & Coronado, G. (2003). Locus de controle em uma população do nordeste brasileiro. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 19(3), 211-220.
- O'Brien, G. E. (1984). Locus of control, work and retirement, IN: Lefcourt, H. M. (Ed), *Research with the Locus of control construct: Extensions and limitations*. *Orlando, FL: Academic Press*.
- Önder, A., & Gülay, H. (2008). İlköğretim 8. sınıf öğrencilerinin psikolojik sağlamlığının çeşitli değişkenler açısından incelenmesi. *Dokuz Eylül Üniversitesi Buca Eğitim Fakültesi Dergisi*, (23).
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde pública*, 21, 436-448.
- Pettit, T. J., Fiksel, J., & Croxton, K. L. (2010). Ensuring supply chain resilience: development of a conceptual framework. *Journal of business logistics*, 31(1), 1-21.
- Portzky, M., Wagnild, G., De Bacquer, D., & Audenaert, K. (2010). Psychometric evaluation of the Dutch Resilience Scale RS-nl on 3265 healthy participants: a confirmation of the

- association between age and resilience found with the Swedish version. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 24, 86-92.
- Reed, S. A., Kratchman, S. H., & Strawser, R. H. (1994). Job satisfaction, organizational commitment, and turnover intentions of United States accountants: The impact of locus of control and gender. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 7(1), 31-58.
- Reich, J. W., Zautra, A. J., & Hall, J. S. (Eds.). (2010). *Handbook of adult resilience*. Guilford Press.
- Richardson, G. E. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of clinical psychology*, 58(3), 307-321.
- Rodrigues, D. M. (2007). *Os aspectos cognitivos da qualidade de vida: um estudo entre as variáveis do locus de controle e as do bem-estar subjetivo* (Doctoral dissertation, Tese Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, no publicada).
- Rodrigues, D. M., & Alves Pereira, C. A. (2007). A percepção de controle como fonte de bem-estar. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 7(3).
- Rogge, J. F. N., & Lourenço, M. L. (2015). A resiliência humana no ambiente acadêmico de cursos stricto sensu. *Revista de Administração IMED*, 5(3), 291-301.
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological monographs: General and applied*, 80(1), 1.
- Santos, A. C. M. (2011). Um estudo da associação da resiliência do gestor e o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas.
- Scholten, K., Sharkey Scott, P., & Fynes, B. (2014). Mitigation processes—antecedents for building supply chain resilience. *Supply Chain Management: An International Journal*, 19(2), 211-228.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. D. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia Positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665.
- Serin, N. B., Serin, O., & Şahin, F. S. (2010). Factors affecting the locus of control of the university students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 2(2), 449-452.
- Sheffi, Y., & Rice Jr, J. B. (2005). A supply chain view of the resilient enterprise: an organization's ability to recover from disruption quickly can be improved by building redundancy and flexibility into its supply chain. While investing in redundancy represents a pure cost increase, investing in flexibility yields many additional benefits for day-to-day operations. *MIT Sloan management review*, 47(1), 41-49.
- Silveira, D. R., & Mahfoud, M. (2008). Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 567-576.
- Streiner, D. L. (2003). Being inconsistent about consistency: When coefficient alpha does and doesn't matter. *Journal of personality assessment*, 80(3), 217-222.
- Sürücü, M., & Bacanlı, F. (2010). Üniversiteye Uyumun Psikolojik Dayanıklılık ve Demografik Değişkenlere Göre İncelenmesi. *Gazi University Journal of Gazi Educational Faculty (GUJGEF)*, 30(2).

- Tugade, M. M., & Fredrickson, B. L. (2004). Resilient individuals use positive emotions to bounce back from negative emotional experiences. *Journal of personality and social psychology*, 86(2), 320.
- Wagnild G. M. & Young H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of resilience scale. *Journal of Nurs Meas*; 1, 165-78.
- Wenzel, S. L. (1993). Gender, ethnic group, and homelessness as predictors of locus of control among job training participants. *The Journal of social psychology*, 133(4), 495-505.
- Xavier, V. M. C. (2005). Locus de controle, comprometimento organizacional e satisfação no trabalho: um estudo correlacional.
- Zautra, A. J., Hall, J. S., & Murray, K. E. (2010). A new definition of health for people and communities. *Handbook of adult resilience*, 1.